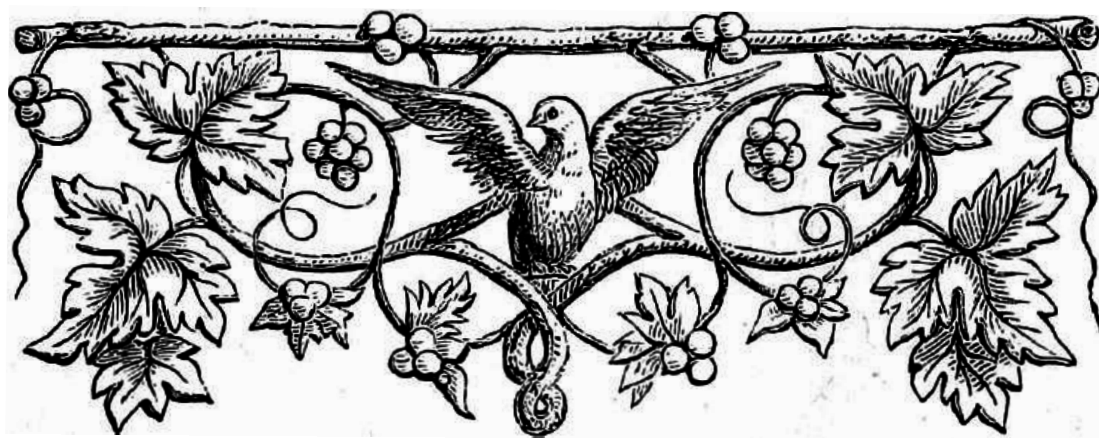




Feira Flutuante

Clarice e o Espelho-Janela



escrito e editado por
Ziã Clarice Dionísio



Feira Flutuante

Clarice e o Espelho-Janela

Texto, Design e Edição
Ziã Clarice Dionísio

Desenhos
Domínio Público

Publicado por
Tropicalversos.com

em Canelinha (SC)
no dia 31 de julho de 2026

“Impossível explicar. Afastava-se aos poucos daquela zona onde as coisas têm forma fixa e arestas, onde tudo tem um nome sólido e imutável. Cada vez mais afundava na região líquida, quieta e insondável, onde pairavam névoas vagas e frescas como as da madrugada.”

Clarice Lispector
em “Perto do Coração Selvagem”

Prefácio

Carta de Dionísio

...em cada passo da história eu respirei... o ar estava lá... ao meu redor e dentro de mim... entrando e saindo...

...palavras, quando faladas, são feitas de ar... e quando escritas também são respiradas... ainda que "em voz baixa", com a voz "de dentro"...

...nós, nos olhando como humanos, somos seres que falam e que escrevem... e tantas outras coisas... dentro do pertencimento como seres da linguagem, nos comunicamos...

...não só com palavras, é claro... há gestos, e entonações, e formas e caras... mas, no "por escrito" o nosso rosto não é "tão" presente...

...não sei pra você, mas pra mim ler e escrever é uma experiência de escuta e visualização...

...com meu cinema interior, meu palco interno, enxergo as imagens que a leitura me inspira... ler é uma viagem, e escrever é outra...

porque na escrita o vetor está do lado oposto da leitura... e ao mesmo tempo, também sou leitor do que estou escrevendo...

...grande onda lúdica, esse diálogo num outro tempo que a escrita permite... escrever sabendo que poderá ser lido em pouco ou muito tempo... e ainda mais, escrever publicamente... mostrar o seu escrito como público...

...pois existem também os escritos privados, as coisas que escrevemos para que menos pessoas leiam... às vezes só uma... poderia falar mais, mas parece que já estou me repetindo...



“Tenho pouco a dizer para uma plateia exigente. Mas vou dizer uma coisa: para mim, o que quer que exista, existe por algum tipo de mágica. Além disso, os fenômenos naturais são mais mágicos do que os sobrenaturais.”

Clarice Lispector
em “Literatura e Magia”

Capítulo 1

Sobre o Indizível

A superfície do lago está calma... lentamente uma canoa avança... na sua ponta navega uma pequena criança... Clarice tem 9 anos e vê o céu no espelho da água...

Aurora olha pra ela da margem... a força da imagem da menina, destemida, passando no meio de nuvens refletidas, tornava a respiração mais verde e viva...

Era nítida a sensação difusa de que estar presente torna o momento tão passageiro quanto eterno...

Tudo começa e termina, e a mudança é o que continua... a transformação nem nasce nem morre...

As duas se aproximam, a canoa toca a terra e Clarice desce...

– Tia, foi legal deslizar nas nuvens...

Aurora sorria e lembrava de si mesma ainda guria... ela também se sentia bem sobre as águas...

– Que bom, Clarice... tome cuidado e se divirta...

Peixes pulavam e a menina pensava “será que eles querem ser pássaros?”...

De fato, para um grilo como eu (que via a cena de lado), parecia mesmo que os peixes voavam...

– Tia, eu falei que foi legal, mas foi mais... não sei qual palavra escolho para contar...

– Humm... seria “incrível”? “demais”? “emocionante”? “supimpa”?... – a tia disse rindo...

– Não sei... será que existe uma palavra pro que eu quero dizer?

A tia olhou o céu e suspirou...

– Talvez não exista, Clarice... o que você sentiu pode ser indizível...

– Tia, “indizível” é bom ou ruim?

– Não dá pra dizer...

Capítulo 2

Suspensa por Encanto

Clarice estava de costas para a frente da loja quando uma criança se soltou da mão da mãe e correu até a gaita que estava sobre a prateleira... a mãe gritou, Clarice virou, mas não deu tempo de impedir que a jovem menina soprasse o objeto... um som de cachoeira ecoou no vento que entrava pelo espelho-janela que a comerciante de instrumentos mágicos havia comprado na loja da duende do oriente...

Um brilho amarelo acendeu na gaita, e a menina, parada, viu na madeira da parede aparecerem, como fumaça luminosa, imagens de momentos que ela havia vivido ainda bebê... quando o transe passou ela se virou pra mãe, e com os olhos tingidos pela visão etérea a criança disse:

— Eu vi, eu vi... eu vi a cachoeira perto da onde a vovó foi enterrada...

A mãe ficou surpresa da menina se recordar disso, mas sabia que aquela gaita era um artefato mágico, e que a criança havia experimentado um sabor do sobrenatural ao soprar ela...

Clarice chegou perto da criança, sussurrou quatro versos numa língua estranha, e colocou o dedo mindinho na testa da menina...

A criança espirrou, e Clarice balançou as pontas das orelhas... a pequenina não sofreria nenhum efeito negativo por ter tocado o artefato, os versos de Clarice haviam funcionado...

— Não se preocupe, sua filha vai ficar bem... e você, mocinha, tome cuidado... você está na Feira Flutuante, e as coisas por aqui são mais do que parecem...

A mãe e a filha saíram meio zonzas pelos caminhos da feira, enquanto uma velha entrava na loja lentamente com sua bengala...

– Senhorita Clarice? Me falaram de seus instrumentos... meu marido está dormindo há nove dias, já tentamos acordá-lo de muitas maneiras... você tem algo, talvez um tambor, que possa fazer ele despertar?

– Bom dia senhora, sinto muito pelo seu marido... não tenho nenhum tambor desse tipo... é que tambores não são os mais indicados pra esses casos... é melhor acordar ele usando uma concha...

Clarice pegou uma concha esverdeada, respirou fundo, e soprou... no início o som era baixo, mas foi crescendo... e crescendo... e virou o som de ondas quebrando no mar...

Um vento frio soprou do espelho-janela... a velhinha sentiu um calafrio gelado, depois sorriu... seu marido amava o mar, havia sido

por muitos anos um pescador... há tempos os dois não viam o litoral, vinte anos sem ouvir o som das ondas...

— Obrigada, gentil Clarice, por me fazer relembrar a brisa e a melodia do oceano... estou confiante que isso fará meu marido voltar do sono...

A velhinha estendeu a mão e entregou cristais para Clarice, botou a concha em sua sacola, e saiu agradecida...

A mão de Clarice atravessou o espelho-janela com os cristais e voltou com uma salada de frutas, com mel, leite e castanhas... Clarice sentou no banco alto de madeira que ficava atrás do balcão e começou a se alimentar...

Capítulo 3

Um Pedido Inaceitável

Já estava quase na hora da loja fechar, e Clarice estava com sono... um trompete na prateleira tocou um Lá sozinho, fazendo a sonolenta luthier dar um salto... não era a primeira vez que um instrumento fazia um som sem ninguém tocar, mas ela sabia que isso raramente acontecia sem que algo estranho viesse depois...

E assim foi... um moço apressado chegou correndo e disse que precisava de algo importante... era questão de vida ou morte, de acordo com as palavras dele... ela sentiu um arrepio no ar e no olhar do moço...

— Preciso que a senhorita me venda um instrumento que seja capaz de fazer minha

amada se apaixonar cegamente por mim!

O espelho-janela soltou faíscas e tremeu um pouco... Clarice pegou dois sinos de dedos e disse ao rapaz:

– Ninguém na Feira Flutuante, incluindo eu, vende qualquer coisa que cause tamanho sofrimento a outro ser.

Ela tocou os sinos sete vezes, emitiu um som gutural breve, e fez um desenho com os dedos no ar...

– Eu já disse, moça, que é questão de vida ou morte!

As pontas das orelhas de Clarice vibraram, tremeram e brilharam uma luz verde... o espelho-janela soltou uma chama que queimou um dos lados de um tambor que estava pendurado...

– Eu já disse que aqui não temos nada que faça isso.

O homem berrou, lágrimas saíram dos seus olhos, seu rosto ficou vermelho e ele bateu com os braços numa prateleira... nesse momento, Clarice escutou cinco notas, vendo que ele havia acertado, com fúria, alguns instrumentos...

O espelho-janela soltou um raio que acertou um gongo... o som ressoou no ambiente, ecoando, e o triste rapaz caiu no chão ao mesmo tempo que o espelho-janela também caía...

Um dos cacos do espelho-janela entrou na pele do homem, e o sangue escorrendo pelo braço atingiu a visão de Clarice... ela sabia que se o líquido vermelho tocasse o chão a situação ficaria pior...

Cantando os nomes dos seis elementos, enquanto batucava com a mão na própria barriga, ela tirou o lenço de seu pescoço e foi rápida limpar o sangue antes que ele, assim como o espelho e o homem, encostasse no solo... chegou a tempo de impedir o pior, mas seus dedos arderam de calor ao tocarem

no braço, mesmo com o lenço entre a sua mão e a pele dele...

O espelho-janela, espatifado, soltava faíscas e fumaça pelos pedaços espalhados pelo espaço... Clarice sentia que em breve o fogo consumiria tudo, inclusive ela, que viraria cinzas como uma acusada de bruxaria na idade média...

Mas um chocalho estranho ecoou pela noite, um chocalho natural, de cobra... a familiar serpente Nádia, companheira de Clarice desde a infância, surgia deslizante sem derrubar nada... suas escamas reluziam nos cacos e as faíscas refletiam nas escamas...

Uma chuva suave começou a cair dentro da tenda... as temperaturas e ânimos foram abaixando... as pálpebras de Clarice naturalmente fecharam, a respiração ficou calma... a grama sob seu corpo estava macia, havia silêncio, e ela adormeceu...

Capítulo 4

Caminhos das Águas

O bisavô de Clarice errou muito... tantas vezes e tão feio que, apesar de ter feito também coisas boas, o saldo de ações negativas podiam dar à ele a fama de um homem mau...

A bisavó era pagã, vivia numa tribo, dançava entre as plantas e animais... pintava o corpo, batia palmas, fazia sons guturais...

A mulher selvagem foi sequestrada e violentada pelo homem mau, que colocou ela como prisioneira, fez ela ser sua escrava e mãe de seus filhos...

Mas a bisavó era da terra, ela também morava no verde, como as abelhas e as serpentes...

então fez um doce de mel, sobremesa favorita do sequestrador, um prato que se come frio...

Olhou com alívio cada segundo enquanto ele se engasgava com o veneno que ela tinha colocado junto ao mel... o cadáver do vil homem alimentou muito bem os peixes do poço... que engordaram e foram pescados, alimentando a mulher e as crianças...

Nessa época, a avó de Clarice gostava de visitar o ninho das onças, e levava comida pra elas... desde muito jovem foi afeita das felinas, começando pelas gatas de casa e indo até as felinas maiores... havia algo dentro dela que era visto e reconhecido até pela onça pintada...

Sempre haviam sido esses seres os seus protetores... seus pés no chão e entre as folhas pisavam como se estivessem sobre uma cama... com sua mãe, e com os bichos, ela também aprendeu a fazer sons guturais...

Os grilos da noite cantavam junto com ela os versos sobre as estações... com os pés dentro do lago e um tambor na mão, a vó de Clarice dançava danças pagãs sob o olhar da lua nova...

A mãe de Clarice nasceu no equinócio, anunciando a chegada do outono... foi banhada no lago por sua tia mais nova... incensos de ervas colhidas na floresta ao redor perfumavam os sentidos... doses de licor bebidas pelas mulheres aqueciam e alegravam os interiores...

Oito dias de cantoria e fogueira seguiram desde o equinócio... sons de galhos e pés tocando a terra... chocalhos feitos de plantas e sementes... sonoras rãs e cigarras, distantes e próximas, complementavam a orquestra rústica... pássaros pousavam e voavam, soprando ar pela garganta, gorjeando... o balançar das asas também se escutava, integrando as melodias...

Quando Clarice veio ao mundo, chovia muito... e choveu por mais doze dias sem parar... todos os córregos e lagoas do vale ficaram cheios e inundaram suas margens... a natureza viveu com vigor nos meses que se seguiram...

O verde vibrava... pássaros faziam ninhos... famílias de urubus moravam entre o capim que crescia sobre morros de pedra... serpentes anciãs faziam casas debaixo de rochas milenares...

Capítulo 5

Presente Espelho-Janela

Clarice está com 13 anos... é aniversário do pai dela, e ele está viajando... ele viajava para trabalhar, mas sempre dizia e ria que "as maiores viagens são feitas no mesmo lugar"... antes desse trabalho, e antes de ser um viajante, ele era um adolescente na nebulosa cidade de Nimbópolis...

A menina está curiosa, ela olha para os filhotes de galinha que nasceram anteontem... será que vão gostar de abóbora?... às vezes estão quase todos juntos, mas um ou dois ciscam longe do grupo... quando algum captura um besourinho, os outros correm atrás para tentar roubar o lanche sem a menor vergonha...

A galinha mais velha é a anciã Joana... Clarice lembra dela faz tempo... apesar de ser idosa, é uma ave muito ativa... às vezes até demais, mas quase sempre para o bem... é que acontece, como aconteceu nesse dia, que algumas peraltagens trazem boas surpresas...

Enquanto Clarice regava o pé de pimentão, ouviu barulhos... Joana saiu voando pela janela, com algo brilhante na boca... no caminho antes disso a ave deixou um rastro de papéis derrubados... as flores de pimentão dançavam na brisa...

Muitas coisas aconteceram, o sol deitou na tarde, e quando a menina foi arrumar os papéis caídos: viu um livro... um nome como o seu estava escrito na capa, e o título dizia "Perto do Coração Selvagem"... Clarice leu em voz alta as sílabas do sobrenome da autora "Lis-pec-tor"...

Dentro do livro (que tinha frases sublinhadas pelo pai) ela viu uma menina Joana com a

idade igual a sua... a menina do livro também olhava galinhas, que eram do vizinho (seriam as dela?), e dizia que eram galinhas "que não sabem que vão morrer"... o pai de Joana estava em casa, mas também estava trabalhando... tinha paciência com ela, mas também falhava...

Quando Clarice fez 17 anos ela estava viajando com o pai... foi nesse dia, na Feira Flutuante, que ele a levou até a loja da duende...

Muitos tipos de plantas, galhos e cogumelos estavam pendurados em cordas de cipó na tenda de Gardênia... era a principal loja de ervas daquele mercado... no centro estava a bacia de madeira, com água e flores... o calor das pedras quentes colocadas dentro da mistura fazia o líquido evaporar suavemente, aromatizando o ar daquele espaço...

O pai de Clarice conversou com ela, falou sobre a filha, e perguntou se a duende poderia ver se a moça estava pronta para receber um espelho-janela...

Gardênia pegou seu cachimbo, soprou fumaça no vento, e viu a cor que ela ficou... olhou Clarice, então fechou os olhos e ouviu o tom e a melodia que vinham das batidas do coração da jovem... cantou na língua do seu povo, dançou e voou um pouco... Clarice espirrou, e Gardênia disse que ela estava pronta...

Com um círculo ovalado de cipós entrelaçados nas mãos, a duende chamou uma aranha do teto que fez dentro do "ovo" uma teia... enquanto entoava sílabas de uma língua quase esquecida, Gardênia mergulhou a moldura com a teia na bacia com água e flores... e quando levantou os braços estava segurando o espelho-janela de Clarice...

Capítulo 6

Visões de Terra

Ela sonhava que era uma semente rodeada de terra... a água que a molhava fazia sua abertura ser mais fácil... sentia um prazer em crescer raízes, caule e folhas... subia, na direção da luz do sol...

Clarice acordou com o rosto na relva úmida... um gato lambia sua testa...

— Bom dia, Coentro...

A moça levanta e coloca comida para o felino... olha em volta e vê a bagunça causada pelo homem insistente, consumido pela vontade de ser amado e confundindo o que é de verdade o amor... a marca do corpo dele estava no chão, mas ele não...

O espelho-janela ainda estava rachado... porém seus cacos haviam voltado para o lugar, dentro da moldura-ovo... a voz de Nádia sussurrou no ouvido de Clarice...

— Tem uma carta pra você no caderno laranja...

A moça foi rapidamente até a estante, abriu o caderno e leu: "Amada filha"... nesse instante foi interrompida por uma cliente cujo perfume ela conhecia (e que a fazia suspirar)...

— Bom dia, Clarice...

Clarice tinha sensações quentes quando via ou pensava nela... o jeito do cabelo emoldurar a força dos olhos... a respiração e o ar que formavam as sílabas das frases e palavras que ela vibrava na garganta e no espaço... muitas coisas ela imaginava, sonhando distraída enquanto trocava uma corda ou fazia um remendo...

A poeira nas prateleiras assistia às histórias e momentos que a luthier visualizava em sua espécie de cinema interior...

– O-o-oi, Ga-Gaia! Co-co-como va-vai?

Gaia não estranhou nada, pra ela Clarice era gaga mesmo... tipo, gaga com todo mundo... não sabia que era a sua presença que fazia Clarice gaguejar...

– Estou bem, a mudança deu certo, e as tumbérgias já estão brotando... mas minha ocarina de osso está um pouco bizarra... pode olhar ela pra mim?

A luthier tentou não gaguejar outra vez, e gaguejou ainda mais...

– E-e-então-tão o-o que-que será-rá que-que po-po-pode-de se-ser? Va-va-va-mo-mos ve-ve-ver...

O espelho-janela soltava um orvalho esverdeado... sons de rãs cantando na noite

vinham através dele... Gaia olhava o caos ao redor... instrumentos caídos, coisas fora do lugar... e viu também a marca do corpo do homem no chão...

– Aconteceu alguma coisa aqui?

– Muitas... – respondeu Clarice sem gaguejar

A luthier estava com a cabeça na névoa, seus pés estavam quase sobre as nuvens... a feira flutuava, e a energia da feirante também... a gravidade dos fatos traziam Clarice para a terra... os pensamentos planavam em espaços e tempos mais livres e móveis... naquela manhã, ela havia acordado de sonhos flutuantes...

Com uma pena de abutre, tocava por dentro a ocarina de osso, olhando com uma lupa os caminhos e cavidades do instrumento... pegou cristais de três cores e fez um triângulo no balcão, então acendeu velas ao redor... as luzes do fogo atravessaram as

pedras preciosas e chegaram coloridas na ocarina... Clarice puxou com a boca o fogo de uma vela, pegou o instrumento e soprou... dele saiu uma fumaça multicolorida, junto com sons de árvores balançando no vento forte...

Ao tocar o instrumento, Clarice viu-se sob a terra, no meio da serrapilheira... folhas, galhos e frutas se misturavam ao solo, sendo alimento e casa de vidas visíveis e invisíveis... insetos, anfíbios, fungos, minhocas, raízes, e mais múltiplos coletivos... debaixo dum cogumelo: um abrigo... e uma nota Si vibrando...

– A-a-acho que ago-gora está bo-boa...

Gaia agradeceu e tentou bater papo com Clarice, mas a luthier estava preocupada em ler a carta que tinha chegado, e também com o espelho-janela rachado... apesar das emoções de estar na presença dela, Clarice fingiu não estar interessada no assunto...

Capítulo 7

Feito de Cinzas

As estrelas se moviam calmas enquanto o trem corria rápido... os trilhos feitos com galhos, troncos e cogumelos, faziam subir uma nuvem por onde o veículo planava... as velas do trem eram cheias de ventos que vinham do mar, e seus motores eram movidos com a luz do sol...

Clarice via o próprio rosto no vidro da janela, e via a praia com coqueiros e conchas... ela tentava dormir, mas lembrava das palavras que tinha lido na carta...

"Amada filha, sinto que estou para morrer novamente, e não sei quando e como irei renascer... você me conhece há 22 anos, e sabe que sou feito de cinzas... espero a sua

visita antes que eu deixe essa forma... a duende do oriente vai te ajudar com isso, além do espelho-janela..."

O dia tinha sido longo, e ela estava cansada... o cansaço era aumentado pela preocupação, e o sono não tinha paz para vir...

Naquela tarde, quando chegou na oficina da duende, a erva estava ocupada... dentro da sua tenda tinha uma rede, e dentro da rede tinha alguém... o ar estava preenchido por incensos e pela fumaça que a duende soprava... um assobio, como de pássaro, vibrante e ondulante, saía de seus lábios... quando ela parou, Clarice disse...

— Esmeralda... meu espelho-janela caiu e quebrou...

Clarice olhava para o reflexo de si mesma e do céu acima dela... sentia-se fragmentada como a imagem que contemplava... sua respiração era rasa...

Esmeralda pegou o artefato nas mãos e o pôs sobre o fogo... cheiros, cores e sons se manifestaram nas percepções e no espaço físico e mental delas... uma aranha de fumaça roxa tecia teias vermelhas entre os rachados do espelho-janela... Clarice viu na rede o rosto do homem que havia ido em sua loja no dia anterior...

De volta das memórias vespertinas para dentro do trem, a moça se sentia grata e confusa pelas instruções que a duende havia lhe passado... mas sabia que iria ver sua avó...

Olhava a montanha escura no horizonte, a lua quase cheia aparecendo por trás dela... a lua e a montanha eram tão antigas... mais velhas do que os humanos e os nomes... “Sou tanto o que vejo fora quanto o que sinto dentro”, ela pensou sentindo... “A carne e a pedra são diferentes apenas por questão de tempo, assim como o início e o fim dos caminhos”...

Clarice havia aprendido a se descrever

usando as palavras... mas sabia que, mais do que tudo e menos do que nada, sua verdadeira natureza era indizível...

Marte brilhava vermelho no céu... a moça abriu o livro que carregava consigo desde os 13 anos... olhava as frases sublinhadas pelo pai, pensava no que elas diziam e no que ele teria sentido ao sublinhá-las... Clarice sentia-se como a personagem Joana do romance de Lispector... fazia sentido pra ela que "As descobertas vinham confusas. Mas daí também nascia certa graça"... nesse momento, mais do que perto, ela estava dentro do coração selvagem...

Capítulo 8

Declaração de Clarice

Gaia reparou que tinha algo grudado debaixo da ocarina de osso... era um pedaço de papel pequeno, dobrado no meio... a moça abriu o papel, que estava branco por dentro, e um som começou a tocar...

"Oi, Gaia... reconhece a minha voz? Sou eu... Clarice... Gaia, eu não sou gaga... gaguejo só com você... gaguejo quando te vejo..."

Essa mensagem gravada vai ser meu modo de poder dizer coisas que me trazem uma confusão leve e agradável... é uma tonteira parecida com estar numa montanha russa... às vezes esse barato sai caro, e fico enjoada... outras vezes é como estar num sonho lúcido, e me sinto plena...

Mas o que sinto no corpo, os pensamentos na barriga, e todo o plano do indizível, isso não dá pra falar... tem percepções que as palavras não descrevem, sentimentos que elas não explicam... as palavras não são tudo... mesmo no silêncio ainda há olhar, cheiro, toque, gosto...

Dizendo essas coisas me sinto profunda e estúpida, e talvez você ache que é papo de maluca... mas, se você não achar, e pensar em me dizer coisas também óbvias e estranhas, minha gagueira terá sido um sinal verdadeiro de que conheci alguém emocionante...

Gaia, quero te conhecer mais... vamos sair?... pa-passear?... conversa-sar?... a-a-acho que mi-minha gague-gueira tá vo-voltando-do..."

O papel se dobrou sozinho e o som parou... o vento soprou e o papel flutuou pra longe... a moça foi até a oficina de Clarice, mas um aviso na porta dizia: "Estou viajando e volto em breve"...

Gaia voltou para casa, sentia que o “em breve” de Clarice talvez fosse demorado... de qualquer modo, por dentro dela ondulavam e vibravam sensações e pensamentos que não queriam esperar, mas sabia que não havia outra opção...

A moça pegou café e tabaco, sentou perto de uma janela... relembrou, como conseguiu, as palavras que ouviu antes do papel voar... suspirou...

Gaia já tinha imaginado como seria sair com Clarice... conhecê-la mais... ouvir e contar histórias da vida... amizade era algo que a fazia bem... e quando era alguém que, como Clarice, despertava nela desejos de intimidade, aspirações de transparência, desnudamentos dos sentidos, Gaia ficava animada e preocupada...

Animada porque era como sentir cócegas na aura... um vibrar sutil por dentro... um ar que trazia cheiro de aventura com orvalho...

Preocupada porque emoções são delicadas... seres são sensíveis, e ela também era, tanto quanto todos... temia que se repetissem as dores e sofrimentos que já tinha sentido antes...

"E eu corri pro violão num lamento e a manhã nasceu azul... como é bom poder tocar um instrumento"... esses versos de Caetano eram cantados por Filipe Catto através da caixa de som... Gaia sentia, sentia e sentia... sentir era algo bom e confuso, gostoso e assustador...

Quando se via pensando em alguém daquela maneira, era como se sua individualidade balançasse, sua ideia de eu ficava maleável...

E aí parecia que nada nunca tinha sido fixo nem determinado... que esse estado móvel, fluido, dinâmico, era mesmo a natureza leve e solta... Gaia se sentia flutuante...

A vontade era ver Clarice assim que possível, e que o possível fosse logo... mas como alguém

olha com ternura uma planta que nasce
miúda, e segue contemplando seu cresci-
mento, ela sabia que a pressa não adiantaria...

Capítulo 9

Reflexos no Lago

No escuro da noite, Clarice olhava a água da lagoa refletir o céu sem estrelas... nuvens (com uma chuva que cairia no vale ao lado) tampavam a visão da lua...

– As rãs estão falantes hoje... – disse a vó de Clarice.

Clarice balançou a cabeça e respondeu...

– Os grilos também...

As duas entendiam as linguagens dos bichos, sabiam ouvir, sentiam os sentidos... quando a luz do sol, refletida na lua, refletisse no lago, Clarice botaria o espelho-janela dentro da água... elas esperavam, enquanto as nuvens

deslizavam sem pressa e o planeta girava sem ser notado...

– Vó, eu queria ter entendido melhor o meu pai quando ele ainda estava nesse plano...

Um peixe pulou e caiu fazendo ondas circulares na superfície do lago, e um som que ecoou entre os cantos dos insetos e anfíbios...

– Oh, minha querida Clarice... não se sinta culpada... você era tão jovem na época, era apenas uma criança... pessoas muito mais velhas que você também não entendiam seu pai... algumas morreram sem entender, e outras nunca quiseram...

– Devia ser difícil pra ele...

Clarice olhou pro espelho-janela em seu colo, observou as rachaduras que precisavam ser reparadas... uma ou duas vezes por ano ela e o pai conseguiam se comunicar através dele,

e também era através dele que ela recebia os manuscritos que seu pai enviava... envolta em devaneios, perdeu a noção do tempo, mas foi trazida de volta ao presente pela voz de sua avó...

— Ali está ela... — O dedo da avó apontou a lua refletida sobre o lago.

Era hora... Clarice se moveu com cuidado até a margem, respirou fundo com leveza, e sentiu suas mãos molharem enquanto o espelho-janela submergia...

O reflexo da lua ondulava no redemoinho formado pela água caindo dentro do espelho-janela... Clarice ouviu um som de sopro vibrando dentro de uma longa e grossa flauta de bambu... ela reconhecia o tom do instrumento, lembrava-se de tê-lo ouvido quando ainda era um bebê...

Um peixe ancião veio nadando sem pressa, seus longos bigodes pareciam dançar uma

melodia sub-aquática... conforme ele se aproximava, o espelho-janela parecia aumentar de tamanho... quando o peixe nadou pra dentro dele, Clarice sentiu um peso imenso, seus braços dobraram, seu corpo se inclinou... e então ela deslizou pra dentro do reflexo, enquanto sua avó cantava versos ancestrais sobre o luar...

Capítulo 10

Cores do Ar

A menina Clarice tinha 11 anos... estava empolgada com a ninhada de galinhas selvagens que haviam nascido na lua cheia... as cores e linhas nas cabeças das jovens aves inspiravam sonhos de voos e de aventuras na imaginação da criança...

Um dos filhotes era menor do que os outros... e andava mais lento, sendo pisoteado pelo grupo que corria sem parar... mal se levantava de um atropelamento e já vinha a manada derrubá-lo outra vez... a vó da menina colocou o filhote separado, e ainda que ele piasse de solidão, suas pernas melhoravam...

Numa noite pensaram que ele estava bem o suficiente para voltar junto ao grupo...

na manhã seguinte o pequeno corpo estava morto...

Antes que Clarice acordasse, sua vó colocou a ave defunta no lago... nuvens refletiam no espelho da água... ela estava num céu líquido... os peixes vieram aos poucos, mas se juntaram rápido... o corpo virou alimento, e a vida que havia habitado vivia agora na memória...

A menina acordou e correu para o ninho... depois foi até a avó se sentindo confusa, já pressentindo... seu olhar fez a pergunta e ela ouviu o seguinte:

— Ah, minha neta querida, não se preocupe... aquele filhote já tinha voado por muitas vidas, e agora o que desejava era nadar... durante a noite ele sonhou que era um ovo de peixe... seu corpo se preparou para a transformação, e em algumas luas você vai ver ele, se olhar para a água sem se distrair com os reflexos...

Com a cabeça nas sombras das folhas e o olhar na água, Clarice viu as nuvens e escutou o barulho do trem passando perto da vila... sua imaginação levantou voo na história do mago Merlin, que transformou Arthur em animais durante suas aulas...

Como num sonho de criança, que se sonha acordado, a menina viu a si mesma do alto, pois era agora um urubu... se olhou através da água ondulante do lago, porque tinha virado um girino...

Fechou os olhos e tudo era claro, a luz do sol lhe preenchia como se Clarice fosse espaço... um vento interior soprava vivo e tudo parecia tão real que era mágico, e tão mágico que era real...

Essa sensação que tinha não era fácil de explicar... quem ouvia se confundia... sua tia mais velha, a séria, sentia tonturas e chamava de loucura as formas e frases que a sobrinha criava com palavras...

— Mas, tia... é que o indizível não dá pra dizer... — lamentava a menina, incapaz de que a adulta na sua frente também visse as luzes e sons como magicamente naturais e naturalmente mágicos...

Já sua tia do meio, Aurora, entendia tanto Clarice que sabia que "entender" era só uma palavra... e quando estavam em silêncio, olhando e ouvindo o que chamam de "natureza", sentiam que o ar que respiravam tinha a cor verde das folhas... uma cor que se alimentava da luz do sol e que só podia ser vista através dela... essas sensações eram tão reais e vivas (ou até mais) quanto as palavras que Clarice mais gostava...

Capítulo 11

O Bambuzal Encantado

O verde das folhas do bambuzal balança no vento... na margem do riacho tudo é calma e movimento... no meio da planta uma família de gambás descansa esperando a noite para sair...

Clarice está submersa... abaixo da linha da água ela vê as vidas que passam... peixes colocam ovos, capivaras nadam... um mundo inteiro habita a natureza subaquática...

A moça vai pra superfície e olha... um jovem está sentado na terra, com pés descalços... nas mãos e na boca dele está um cachimbo de onde saem bolhas de fumaça... elas flutuam e tocam os galhos, se transformando em letras e desenhos...

Debaixo do pé de bambu é onde Dionísio chama de casa... seu corpo tem transparência, sua face está etérea... devagar ele vê Clarice, sorri e diz numa voz grave...

— Olá, amada filha... bem vinda à minha morada... aqui é o lugar onde a viagem termina e começa...

O rosto do pai de Clarice parece mais jovem que o dela, mas a moça não estranhou... ela sabe que ele é um vagante das formas, e sua casca é só uma aparência que ele assume para se comunicar... eles estavam dentro do campo dos reflexos, que ela havia entrado através do espelho-janela... tantas coisas tinham para dizer e para escutar... o tempo desde a última vez que se viram parecia tão longo... Clarice tenta falar mas em vez disso canta...

— De onde vim e para onde vou, além do início e do fim... antes de nascer e depois de morrer, entre o não e o sim... enquanto acho que sou as nuvens, você sabe que é o céu...

mesmo que o sol e a lua flutuem, e a Terra dance como um carrossel...

Os pés de Dionísio ficam invisíveis, e suas pernas também estão sumindo... em breve ele será só espaço na brisa que habita o cosmos infinito... antes que o corpo desapareça ele pega a mão dela e beija... sussurra palavras de pura magia, naturalmente como a luz que brilha...

– Clarice, Clarice, a moça que existe dentro e fora da imaginação... quando se encontra, alegre ou triste, há sempre uma flor em sua visão... Clarice, menina, mulher, dançarina das melodias do fogo e do ar, a terra é sua amiga, a água é sua guia, e os elementos são sua mãe e pai...

O lago, o trem e a feira, as várias paisagens que viu na janela, as portas nas quais entra e sai, Clarice percebe que tudo aparece como matéria de cenas, espelhos da consciência, como sonhos reais...

“Quando me surpreendo ao fundo do espelho assusto-me. Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida. Sinto-me espalhada no ar, pensando dentro das criaturas, vivendo nas coisas além de mim mesma. Quando me surpreendo ao espelho não me assusto porque me ache feia ou bonita. É que me descubro de outra qualidade.”

Clarice Lispector

em “Perto do Coração Selvagem”



Palavras do Autor

Escrita como Viagem

...quando comecei a escrever Feira Flutuante eu estava numa rede... digo escrever com os dedos, a escrita se materializando, pois quem escreve talvez concorde que há algo que liga na ideia antes de chegar na matéria...

...depois segui escrevendo quando morava numa barraca perto de uma lagoa... na noite escutava anfíbios, sons de peixes pulando e caindo de volta na água... escrevia na sombra de uma árvore, ao meio-dia, bebendo café e fumando depois do almoço...

...enquanto cavava a terra, molhava plantas, carregava algo, cenas da história vinham surgindo... conversas e personagens chegavam... escrever ficção foram várias viagens...

...agora que edito a obra, busco desenhos e epígrafes, monto o design, em julho do ano seguinte, estou em movimento...

...viajo para ver meu filho, que faz 9 anos, a mesma idade de Clarice no capítulo 1... foi ele quem vi, no ano passado, deslizar sobre a lagoa num barco que o avô fez pra ele... lá vi os pintinhos chegarem e morrerem... lá estava eu, numa tenda com eletricidade e internet...



...eu e meu filho Raul em julho de 2026...

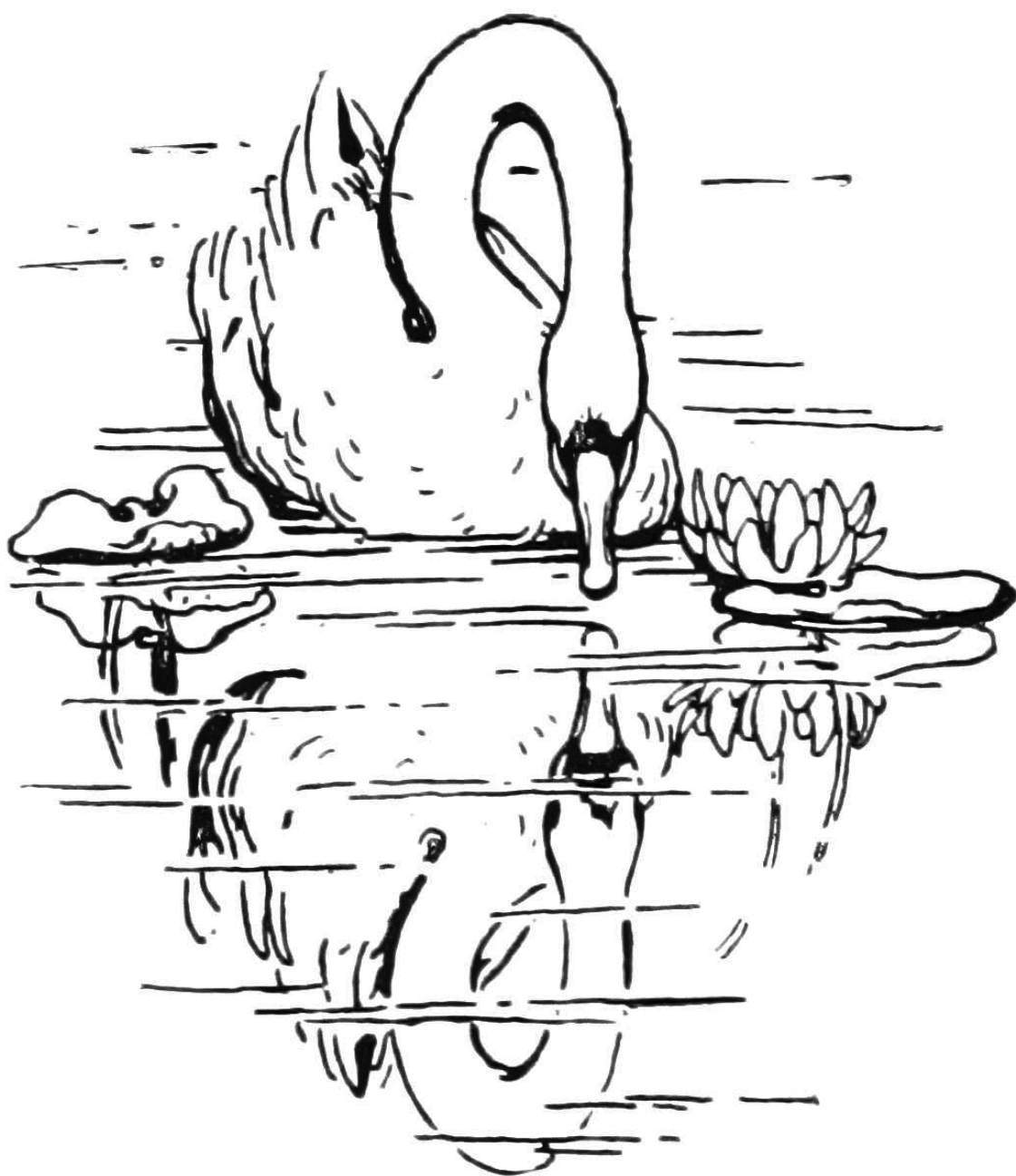
...nessa viagem também escrevi o prefácio e o capítulo final, exatamente num bambuzal na margem do rio Santa Maria, próximo da sua foz, em Colatina (ES)...

...um simbolismo natural e mágico fez que o começo e o fim dessa história tenham surgido nessa minha passagem pela terra onde nasci, tempos depois do seu meio ter sido escrito naquela mesma cidade...

...espero que um dia meu filho encontre esse livro, e que a leitura seja pra ele tão especial quanto a vida dele é para mim...

“(...)ela existia e o que havia dentro dela eram movimentos erguendo-a sempre em transição.”

Clarice Lispector
em “Perto do Coração Selvagem”



Agradecimentos

*A todos os seres que apoiam e alegam
minha existência e especialmente:*

Adelar C. Azzolin

Eduardo B. Gouveia

Ale Psycats

Elen Santos Cezar

Alexandre Vieira

Eliane R. M. Scharf

Ana Ayres

Emeli Bruna Barossi

Ana M. A. A. Freitas

Estela M. Valvassori

Andrês K. de Miranda

Felipe Marré

Aniel C. de Freitas

Flavio Lima Silva

Bel Chaudon

Gil Fabio de Souza

Bill Passamani

Guilherme Peixoto

Breno Tardin Santana

Gustavo Dutra

Brian Luppi Pimentel

Guta Teixeira

Budkhand Namjilsuren

Hauck Vieira

Cacau Quadros

Helena L. P. Gomes

Constansa Becker

Henrique Pitt

Dalva Passamani

Hugo M. M. dos Reis

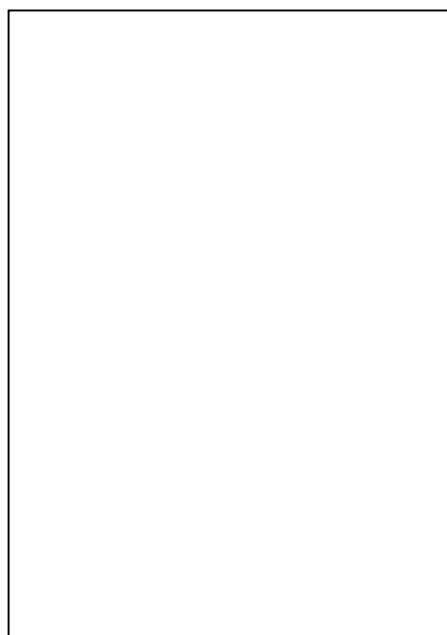
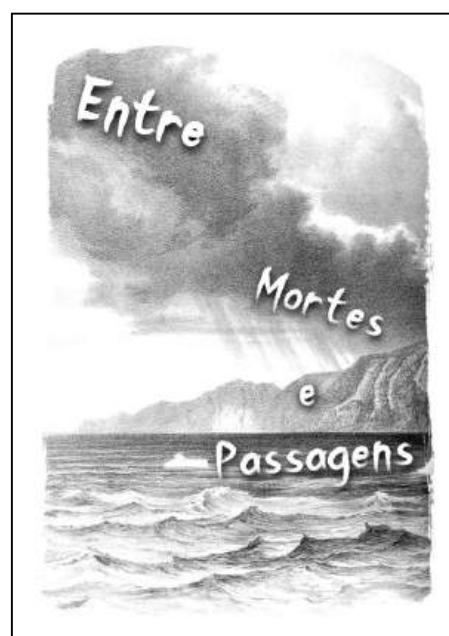
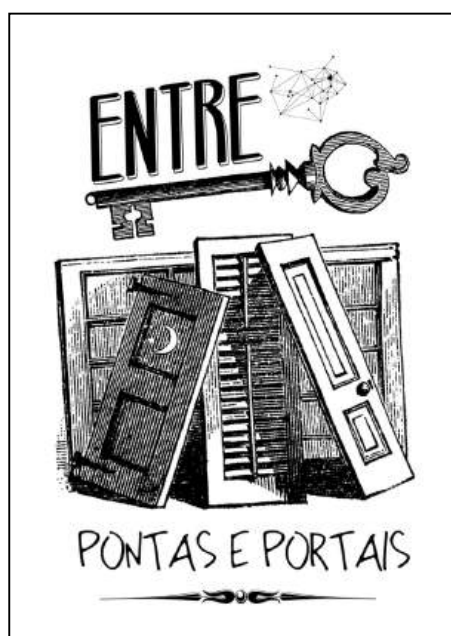
Dora Torezani

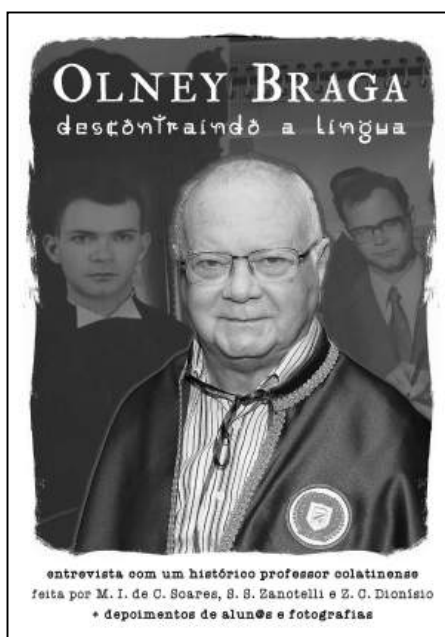
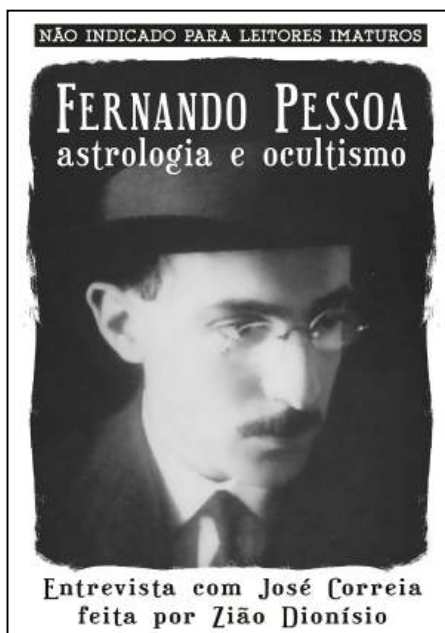
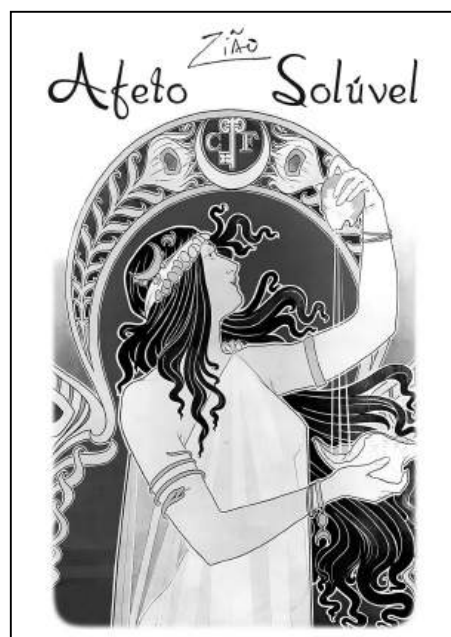
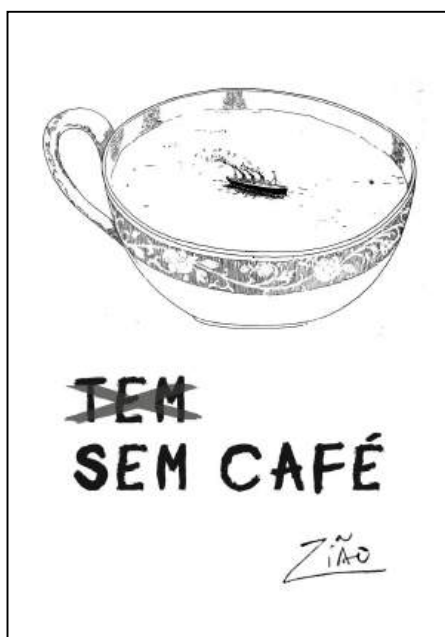
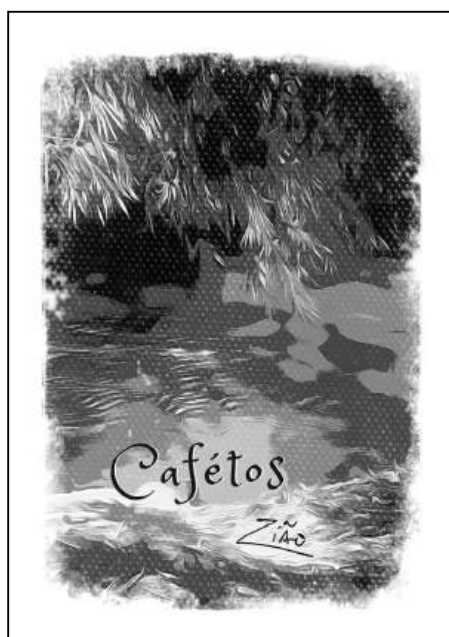
Jaco J. Mattos

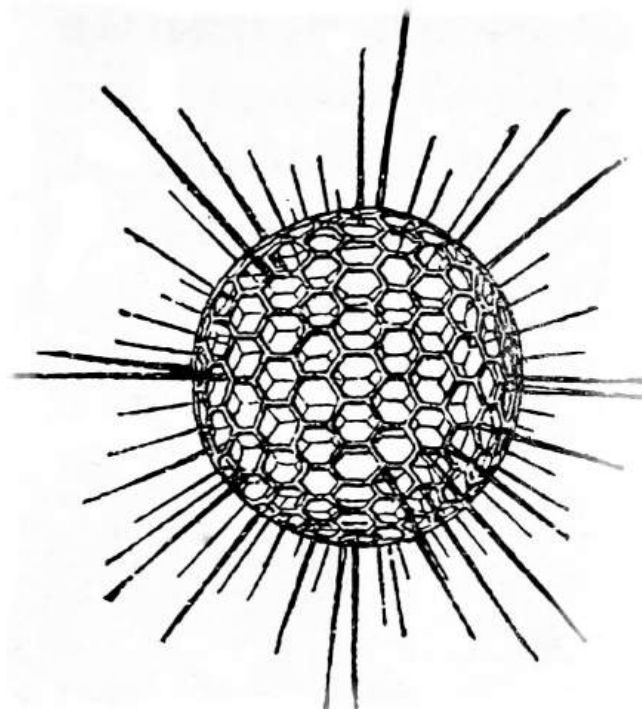
Jefferson Santos	Nadie Fellini
Jô Fornari	Neuza L. R. Vollet
João Estacio	Olavo Maciel Araújo
Joelson A. Ferreira	Pedro A. Passamani
Julio Pattio	Pedro Torres
Jussara de Oliveira	Polliana Zocche
Jussara Roller	Rafael Senra
Lalu Avellar	Raul Sales Marim
Lama Padma Samten	Renata Frossard
Laura Correa	Renata M. Ducati
Layane Carvalho	Ricardo J. Marim
Leidiana Coelho	Rodrigo Cayres
Leonardo Veronimo	Sandra Knoll
Loly Marim	Sandra V. Manffioletti
Luna Serna	Silvia B. Estácio
M. Isolina C. Soares	Suely S. Zanotelli
Mariana Alvarenga	Tamara R. Pato
Maura V. Helmer	Thay Cordeiro
Miguel da S. Oliveira	Viviane F. Teixeira

Outras Obras de Zião Clarice Dionísio

Acesse as zines de poesia e entrevista
já publicadas por Zião
nos sites tropicalversos.com
e tropicalversos.com/entre







Obrigad@ pela leitura!
Se quiser e puder, colabore com
a existência do autor e da editora
através da chave abaixo:



Pix:
poetaziao@gmail.com

Sobre o autor

Ziãó Clarice Dionísio



...sou um ser estranho acolhido por estranhos,
gente esquisita, artistas e pessoas que
falam sobre vacuidade luminosa...
...publico zines há 10 anos, edito, canto
e danço, com frequência escrevo fumando...
...vivo na corda bamba, às vezes com
pouca grana, às vezes com muita esperança...
...quando morrer, gostaria de ser lembrado
como alguém que foi gentil...



“Até que uma frase, um olhar
– como o espelho –
relembra-me surpresa
outros segredos,
os que me tornam ilimitada.”

Clarice Lispector
em “Perto do Coração Selvagem”